

Centro funcional de Campo Grande no início do século XXI: centralidade renovada ou periférica?*

The functional center of Campo Grande at the beginning of the 21st century: renewed or peripheral centrality?

Cristina Lontra Nacif
Gisele Teixeira Antunes

Resumo

O presente artigo pretende refletir sobre alguns aspectos da reconfiguração socioespacial em processo na zona oeste na metrópole do Rio de Janeiro, área que concentra a maioria das indústrias do município, com destaque para Campo Grande, centro funcional reconhecido. Vale ressaltar que o bairro está sendo impactado pelas obras de infraestrutura como a do Arco Rodoviário Metropolitano, a expansão do Porto de Itaguaí, simultaneamente com novos lançamentos do mercado imobiliário e implantação de novas indústrias, que juntos criam a expectativa de desenvolvimento socioeconômico na região. Assim, pretendemos apontar, ainda que preliminarmente, se tais investimentos estariam reafirmando e reconfigurando a centralidade de Campo Grande e ao mesmo tempo se estamos diante da alteração ou continuidade do clássico modelo centro-periferia.

Palavras-chave: Campo Grande; centralidade; região metropolitana; zona oeste; centro-periferia.

Abstract

The paper focuses on some aspects of the ongoing socio-spatial reconfiguration of the western area of Rio de Janeiro, an area that contains most of the city's factories. Campo Grande, for example, is a recognized functional center. It is important to highlight that the neighborhood is being affected by infrastructure constructions, such as the Metropolitan Beltway, the expansion of Porto de Itaguaí, along with new releases of the real estate market and implementation of new factories, which, together, create an expectation of socio-economic development in the area. Therefore, we would like to discuss, albeit preliminarily, if such investments would be reconfiguring and reaffirming the centrality of Campo Grande and, at the same time, if we are facing a change or the continuity of the classic center-periphery model.

Keywords: *campo grande; centrality; metropolitan area; west zone; center-periphery.*

Introdução

O presente trabalho pretende analisar a reorganização socioespacial que vem se configurando em alguns bairros da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, uma vez que a área concentra a maioria das indústrias do município e historicamente é reconhecida pela centralidade exercida sobre alguns municípios da Baixada Fluminense como: Nova Iguaçu, Seropédica, Duque de Caxias e Itaguaí. Vale destacar que esses municípios estão recebendo obras de infraestrutura como o Arco Rodoviário Metropolitano (rota de escoamento da produção do Complexo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro – Comperj), expansão do Porto de Itaguaí, entre outros, o que torna a região mais atrativa para os investimentos privados como: parques industriais que já estão sendo instalados nos respectivos distritos industriais e para as novas estratégias do mercado imobiliário. Essas transformações têm consolidado a transição rural/urbano dessa região e reconfigurado as relações da Região Metropolitana do Rio de Janeiro e, assim, redefinindo a organização socioespacial da Zona Oeste carioca.

O tema se torna interessante não somente para a compreensão das transformações já em curso, mas pelo notório crescimento do interesse das grandes construtoras pelos bairros que integram a Zona Oeste, tradicionalmente consumidos apenas pelas classes menos favorecidas através da adoção do processo de autoconstrução, loteamentos irregulares e populares e programas habitacionais, mas também pela contribuição nas pesquisas sobre a Zona Oeste, em especial no bairro de Campo Grande, tão pouco explorado até então.

Tal compreensão sobre a área de estudo e fatores de atração de investimentos (como indústrias, capital e serviços) e população poderão contribuir para a definição de diretrizes de desenvolvimento da região respeitando suas características e evitando erros já diagnosticados em outros municípios e regiões afetadas por grandes projetos urbanos e processos rápidos e descontrolados de industrialização e renovação imobiliária.

Campo Grande está inserido na periferia oeste da metrópole do Rio de Janeiro. O termo metrópole remete a aglomerações urbanas com milhões de habitantes e com capacidade de inter-relacionar economicamente muitas cidades, sendo em essência concentrações multifuncionais (Ascher, 1995). As metrópoles concentram parte das riquezas, do poder econômico, dos capitais, do processo de acumulação, do PIB, das categorias sociais mais abastadas e os empregos mais qualificados. Concentram também as maiores desigualdades sociais, abrigando simultaneamente o “melhor” e o “pior” da sociedade contemporânea (Moura, 2001).

A categoria centralidade, por sua vez, conforme já há muito anunciado por estudiosos, como Henri Lefebvre (1974) e Manuel Castells (1989), contribui de forma decisiva não só para a compreensão da estrutura urbana como das relações cidade/sociedade subjacente à análise. Assim, tal aparato metodológico contribui, seja para observar os padrões tradicionais, seja para identificar os novos padrões de localização de usos e atividades. Tais padrões orientados por diferentes processos socioeconômicos tem produzido centralidades dispersas como também, em muitos casos, uma espécie de “deslocamento” dos centros tradicionais. Dentre as diversas centralidades econômicas,

de lazer e entretenimento, cívicas, entre outras, que se apresentam com diferentes morfologias, talvez a centralidade produzida pelas atividades comerciais e de serviços seja uma das mais expressivas pelos padrões de sociabilidade ensejados. O comércio é por excelência uma atividade urbana e, apesar das inúmeras possibilidades das compras por meios eletrônicos, dificilmente aquele comércio tradicional exercido através do contato face a face deixará de existir no futuro. Nas nossas cidades, essa imbricação do comércio com a cidade é uma consequência direta dos requisitos de centralidade e acessibilidade que definem sua localização, orientados pela lógica da economia de aglomeração. Os locais de exercício do comércio e da prestação de serviços permitem que as pessoas realizem necessidades a eles associadas, colaborem na veiculação de informações e inovações e incentivem laços e padrões de sociabilidade (Salgueiro, 2009).

Nos clássicos *O direito à cidade* e *A revolução urbana*, Henri Lefebvre defende que o direito à cidade é o direito à centralidade urbana: seria ela que faria convergir as diferenças e as singularidades, promovendo tanto as suturas quanto as rupturas do tecido urbano. As centralidades urbanas, para o autor, promovem o encontro, a associação e o embate de distintos grupos sociais, o que seria próprio da vida urbana.

No plano da estrutura interna das cidades, centralização e descentralização são processos que se manifestam nas formas espaciais da área central e do(s) núcleo(s) secundário(s), respectivamente.

Tradicionalmente, segundo Corrêa (1999), a formação da área central, ou simplesmente centro, atendeu à formação da cidade

capitalista na sua fase concorrencial, e, já na metade do século XX, apresentava mudanças quanto às características da sua formação inicial e ao uso intensivo do solo, verticalização, presença de atividades voltadas para a gestão pública e privada, entre outros itens. A descentralização, por sua vez, está associada a fatores que, historicamente, inibiram ou expulsaram atividades da área central como aumento do preço da terra, congestionamento, dificuldade de espaço para expansão, entre outros. Ao mesmo tempo, a descentralização foi incentivada pelo crescimento das cidades em termos demográficos e espaciais, ampliando as distâncias entre as novas áreas residenciais e a área central, criando condições para a criação de filiais nos bairros.

No final da década de 1990, a análise da centralidade urbana no interior das cidades podia, segundo Sposito (1997), ser observada a partir de diferentes dinâmicas:

- As novas localizações dos equipamentos comerciais e de serviços concentrados e de grande porte determinam mudanças de impacto no papel e na estrutura do centro principal ou tradicional, o que provoca uma redefinição de centro, da periferia e da relação centro-periferia.
- A rapidez das transformações econômicas que se expressam, inclusive, através das formas flexíveis de produção impõe mudanças na estruturação interna das cidades e na relação entre as cidades de uma rede.
- A redefinição da centralidade não é um processo novo, mas ganha novas dimensões, considerando-se o impacto das transformações atuais e a sua ocorrência não apenas nas metrópoles e nas grandes cidades, mas também nas cidades de porte médio.

- A difusão do uso do automóvel e o aumento da importância do lazer e do tempo dedicado ao consumo redefinem o cotidiano das pessoas e a lógica de localização e do uso dos equipamentos comerciais e de serviços.

Vários autores apontaram as mudanças na produção do espaço intraurbano, entre eles Manuel Castells (1999) para quem as alterações técnico-informacionais da sociedade em rede estaria alterando a morfologia social e portanto espacial das sociedades, criando possibilidades de alteração do padrão de localização de atividades urbanas. Mais recentemente, não podemos deixar de lembrar as contribuições do estudo de Frúgoli Jr. (2000) sobre as tradicionais e novas centralidades de São Paulo, e de Mariana Fix (2007) ao analisar, entre outros aspectos, as alianças e estratégias dos diferentes agentes e atores na produção do espaço urbano paulista.

A discussão que envolve a relação centro-periferia foi recuperada e sistematizada por Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro (1994), quando o autor apresentou elementos analíticos que fundamentavam e definiam o paradigma do padrão periférico na explicação da dinâmica da organização metropolitana:

- Em primeiro lugar, o par centro-periferia, de noção operatória de pesquisa, torna-se um conceito utilizado para entender o processo de expansão da estrutura interna das metrópoles.
- Tal processo se caracteriza pela existência de um movimento de expulsão/atração – dependendo da orientação teórica do trabalho – para a periferia. Consequentemente, admite-se a ideia de mecanismos de seleção ao acesso ao núcleo.

- O termo *periferização*, portanto, não quer dar conta apenas de um *locus*, mas de um processo de segregação e diferenciação social no espaço que tem causas econômicas, políticas e culturais.

- Não obstante, consolida-se como inerente ao padrão periférico a representação da periferia caracterizada enquanto espaço da reprodução precária da força de trabalho, portanto espaço da carência.

- Apesar de alguns trabalhos chamarem a atenção para o fato de a segregação social não poder ser representada na estrutura núcleo-periferia, sendo necessário operar com a concepção de uma estrutura polinucleada, consolida-se a imagem de espaços socialmente homogêneos.

- A dinâmica de crescimento periférico é lida a partir de dois tipos de perspectivas analíticas: como a projeção, no nível do espaço, do processo de acumulação e como modelo de representação da hierarquia social vigente na sociedade brasileira.

- De maneira geral, a intervenção seletiva do Estado na alocação dos investimentos urbanos é tomada como mecanismo central do padrão periférico de crescimento, embora em muitos trabalhos se faça alusão à importância dos agentes dos mercados fundiário e imobiliário e suas respectivas práticas.

Diante do exposto, tentaremos identificar os fenômenos sócio-ocupacionais em processo no bairro de Campo Grande, área de certa maneira identificada com os municípios vizinhos quando observada na perspectiva da espacialidade do fenômeno metropolitano e dotado de atrativos de centralidade.

Informações complementares

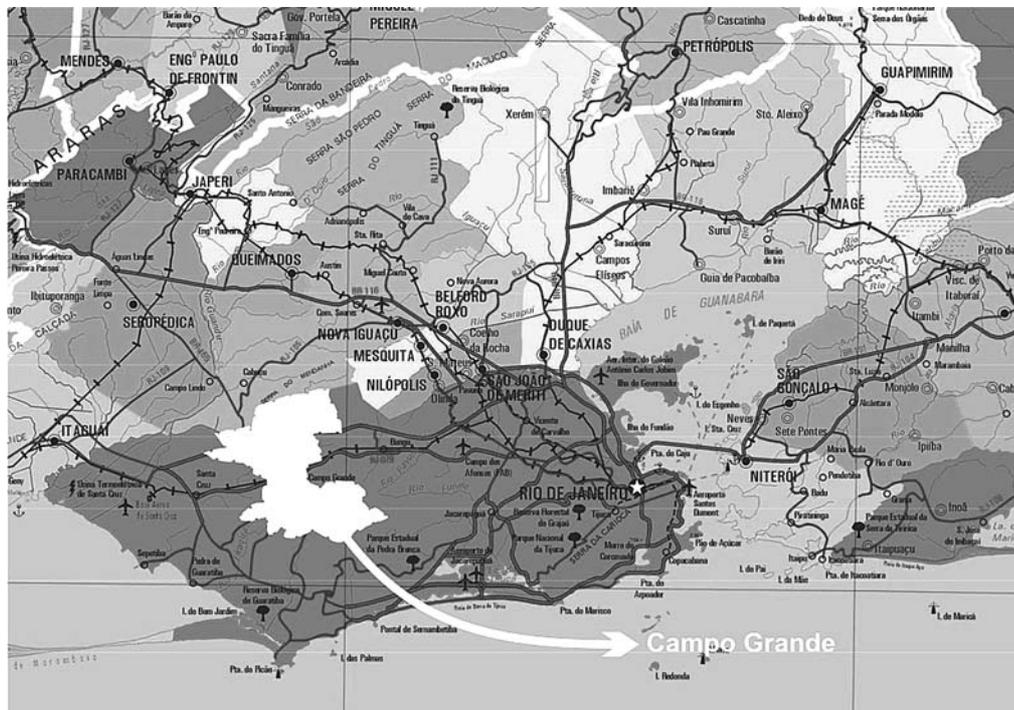
Campo Grande possui área territorial de 46.996 hectares onde residem 896.856 habitantes, sua densidade bruta de 19,1 habitantes por hectare é uma das mais baixas do município.¹ Este bairro da zona oeste, do município do Rio de Janeiro, está localizado a menos de 30 km de alguns municípios fluminenses como: Nova Iguaçu, Seropédica e Itaguaí.

Os dados demográficos indicam que seu crescimento foi acentuado, tendo apresentado taxa de 22%, na década de 1990, a segunda maior do município, superada somente pela Barra da Tijuca. É a região que tem o maior contingente populacional da cidade, tendo

absorvido cerca de 200.000 novos residentes na década de 1990.

Segundo estudo do Observatório de Metrôpoles (2005) realizado com informações do ano de 2000, Campo Grande é um dos três pontos de contraste com seu entorno dentro da RMRJ na categoria de análise sócio-ocupacional. Este estudo identificou Campo Grande como áreas de tipo médio (em um universo amostral entre: Superior; Superior Médio; Médio; Médio Inferior; Popular; Popular Operário; Popular Agrícola e Popular Inferior), inserido em uma região periférica de perfil tipicamente popular e operário. No centro de Campo Grande, 9% dos ocupados eram profissionais superiores e outros 9%, técnicos de nível médio.

Figura 1 – Mapa de localização



Fonte: Fundação Cide.

Campo Grande faz parte do conjunto identificado por Duarte (1974), no seu tradicional estudo sobre os centros funcionais da cidade do Rio de Janeiro, envolvendo a descentralização das atividades terciárias na década de 1970. Na época, ele foi considerado um centro de relevância e baixa capacidade de atração de populações não locais, mas capaz de atender às necessidades cotidianas de seus moradores.

A formação de Campo Grande teve impulso a partir da segunda metade do século XIX, com a implantação, em 1878, de uma estação da Estrada de Ferro D. Pedro II. O transporte ferroviário foi, então, a atratividade que transformou essa região tipicamente rural em urbana, ao facilitar o acesso ao centro da cidade. Em 1894, a empresa particular Companhia de Carris Urbanos ganhou a concessão para explorar a linha de bondes de tração animal, e, a partir de 1915, os bondes de tração animal foram substituídos pelos elétricos, permitindo maior mobilidade e integração entre os núcleos semiurbanos já formados. Esse evento, segundo Fróes e Gelabert (2004) acentuou o adensamento do núcleo central de Campo Grande e estimulou a formação de uma significativa atividade comercial.

Posteriormente, a implantação da estrada de ferro e a abertura da Avenida Brasil, em 1946, facilitaram o acesso aos bairros da Zona Oeste, o que se traduziu em atrativo para a população de baixa renda em busca, entre outros fatores, de terras baratas para fins de estabelecimento de moradia. Mas, dado o modelo

radiocêntrico de todas as ligações e a relação de dependência com o centro metropolitano, principalmente para o acesso ao trabalho e à educação, continuava expressivo.

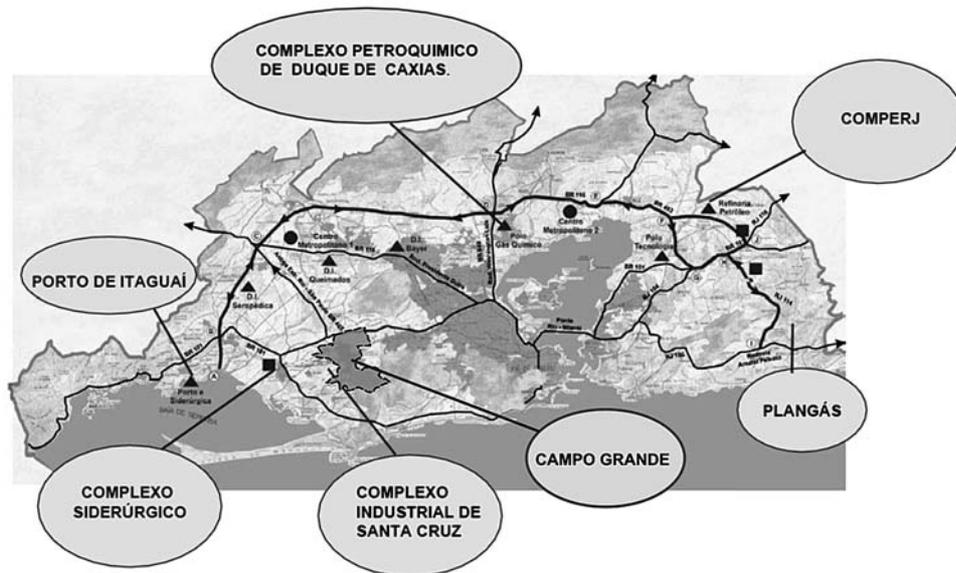
A partir da década de 1960, com a implantação dos distritos industriais em Campo Grande e Santa Cruz, e a instalação de grandes empresas, como a siderúrgica Cosigua-Gerdau, a Michelin e a Vale-Sul, entre outras, criaram-se atratividades significativas.

Cabe registrar que a localização de indústrias nas periferias metropolitanas, que visava atrativos fiscais e mão-de-obra mais barata, ocorreu junto com o processo de desindustrialização da Metrópole do Rio de Janeiro, fenômeno esse recorrente em outras metrópoles nacionais, que passaram a se dedicar prioritariamente ao comércio e serviços especializados.

Atualmente, a zona oeste do Rio de Janeiro é a área que apresenta o maior índice de industrialização da cidade, devido, principalmente, às iniciativas governamentais de isenção de impostos e vantagens geradas pela disponibilidade de terras mais baratas, da localização estratégica e oferta de mão-de-obra. É o caso de novas empresas como a Siderúrgica CSA, interessada também na facilidade de escoamento da produção, devido à proximidade do Porto de Itaguá.

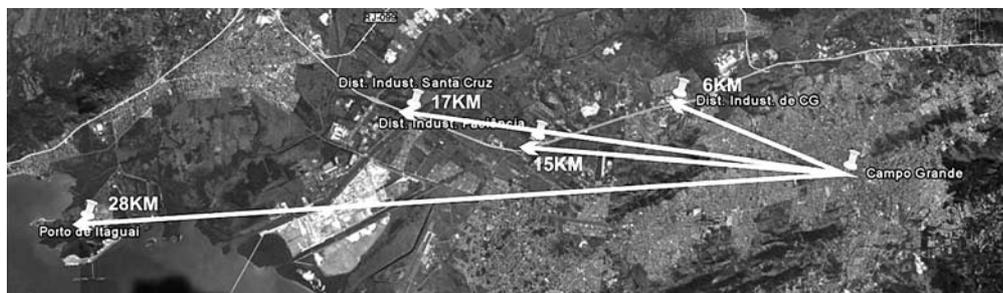
Nos esquemas gráficos a seguir poderemos visualizar a localização dos empreendimentos ligados ao Comperj, o traçado do Arco Rodoviário e a localização de Campo Grande.

Figura 2 – Intervenções e empreendimentos



Fonte: <http://www2.petrobras.com.br/Petrobras/portugues/comperj.asp>

Figura 3 – Distâncias entre Campo Grande, o Porto de Itaguaí e distritos industriais



Fonte: Google.

Em Campo Grande, a centralidade também tem sido reforçada pela presença de grande número de agências de um expressivo número de bancos, que se fazem presentes

em basicamente dois polos comerciais: o calçadão às margens da linha férrea e nas proximidades do *West Shopping* (Estrada do Mendanha).

Tabela 1 – Agências bancárias em Campo Grande, 2009

Bancos	Código Agência / Endereço
Itaú	0283 - Rua Viúva Dantas 4077 - Estrada do Mendanha 4878 - Av. Cesário de Melo 5577 - Estrada Rio do A 6124 - Rua Augusto Vasconcelos 7759 - Rua Barcelos Domingos 7953 - Estrada do Mendanha
Bradesco	3248-4 - Av. Cesário de Melo 0552-5 - Rua Augusto Vasconcelos 2751-0 - Estrada do Mendanha 0582-7 - Av. Nelson Cardoso 3431-2 - Rua Coronel Agostinho 0868-0 - Rua Barcelos Domingos 2974-2 - Av. Cesário de Melo
Caixa Econômica Federal	3358-8 - Av. Cesário de Melo 0208-9 - Av. Cesário de Melo 2955-6 - Rua Viúva Dantas 4087-8 - Rua Campo Grande
Real	0350 - Av. Cesário de Melo 1384 - Estrada do Mendanha 1652 - Av. Cesário de Melo
Banco do Brasil	02020 - Rua Augusto Vasconcelos 02860 - Rua Coronel Agostinho 72370 - Av. Cesário de Melo
Santander	1526 - Estrada do Mendanha 1534 - Rua Aurélio Figueiredo
HSBC	0309 - Rua Agostinho Coelho

Fonte: sites bancos, acesso em 31/10/2009.

Soma-se ao que foi dito o fato de que, segundo pesquisa realizada em 2008, para fins de identificação de estoque de imóveis residenciais e não residenciais, Campo Grande era o oitavo no *ranking* de bairros com salas comerciais e o terceiro em lojas,

conforme podemos observar nas tabelas abaixo.

De acordo com o estoque do IPTU de 2008 a tipologia loja representa 32% do total de unidades não residenciais da cidade, enquanto a tipologia sala detém quase 40%.

Tabela 2 – Total de unidades não residenciais

Tipologias não residenciais	Número de unidades	% de unidades
Total de unidades	210.125	100,00
Tipologia lojas	67.377	32,07
Tipologia sala	83.949	39,95
Outras tipologias	58.799	27,98

Fonte: IBAM. Serviços de Apoio à Elaboração de Estudo de Viabilidade Econômico-Financeira do Plano Geral de Revitalização da Região Central do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

Tabela 3 – Unidades de salas comerciais por bairro em 2008
(bairros que totalizam 80% do total)

Bairro	Total de unidades	% do total de unidades	% acumulado
Centro	36.691	43,71	43,71
Barra da Tijuca	7.470	8,90	52,60
Copacabana	5.800	6,91	59,51
Tijuca	3.455	4,12	63,63
Ipanema	2.274	2,71	66,34
Méier	2.008	2,39	68,73
Botafogo	1.728	2,06	70,79
Campo Grande	1.506	1,79	72,58
Madureira	1.350	1,61	74,19
Recreio dos Bandeirantes	1.178	1,40	75,59
Taquara	1.078	1,28	76,88
Leblon	1.063	1,27	78,14
Flamengo	989	1,18	79,32
Bonsucesso	943	1,12	80,45

Fonte: IBAM. Serviços de Apoio à Elaboração de Estudo de Viabilidade Econômico-Financeira do Plano Geral de Revitalização da Região Central do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

Tabela 4 – Unidades de lojas por bairro em 2008
(bairros que totalizam 50% do conjunto)

Bairro	Total de unidades	% do total de unidades	% acumulado
Centro	4.837	7,18	7,18
Copacabana	3.591	5,33	12,51
Campo Grande	2.998	4,45	16,96
Tijuca	2.716	4,03	20,99
Madureira	2.365	3,51	24,50
Barra da Tijuca	2.030	3,01	27,51
Ipanema	1.729	2,57	30,08
Botafogo	1.572	2,33	32,41
Bangu	1.451	2,15	34,57
Penha Circular	1.352	2,01	36,57
Méier	1.301	1,93	38,50
Taquara	1.168	1,73	40,24
Penha	1.158	1,72	41,95
Realengo	1.080	1,60	43,56
São Cristóvão	967	1,44	44,99
Bonsucesso	943	1,40	46,39
Olaria	933	1,38	47,78
Vila Isabel	907	1,35	49,12
Leblon	889	1,32	50,44

Fonte: IBAM. Serviços de Apoio à Elaboração de Estudo de Viabilidade Econômico-Financeira do Plano Geral de Revitalização da Região Central do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

A Figura 4 ilustra a vitalidade de Campo Grande, em um sábado típico de compras.

Outra informação importante no entendimento da dinâmica do bairro diz respeito aos recentes lançamentos de edifícios comerciais como o Plaza Officer da CHL, o West Medical

Center,² que podem ser visualizados nas imagens a seguir.

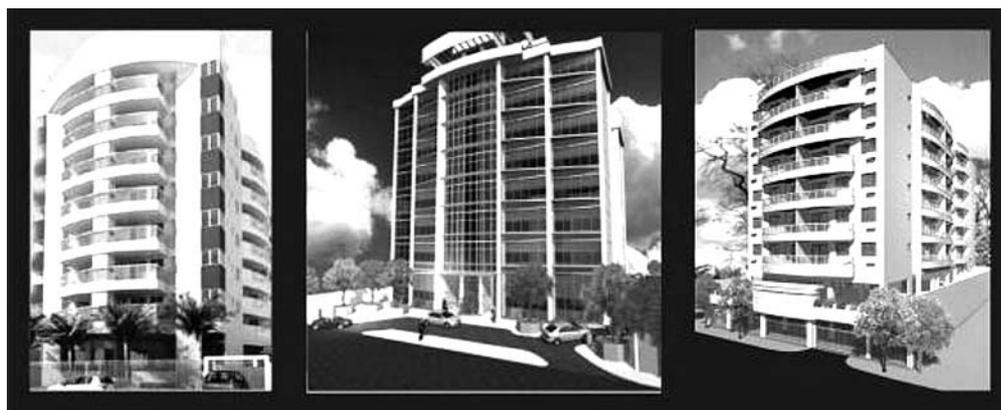
O West Shopping por sua vez, em funcionamento desde 1997, está em expansão e pretende dobrar sua capacidade de lojas, cinemas e estacionamento.

Figura 4 – Calçadão de Campo Grande



Foto: Arquivo pessoal 10-10-09.

Figura 5 – Empreendimento da Delta incorporações



Fonte: <http://www.deltaconstrucoes.com.br> <http://www.westmedicalcenter.com.br/category/radical-r2/>

Figura 6 – Plaza Officer e Atlantis Park



Fonte: <http://www.chl.com.br/site/> (Plaza Officer na primeira imagem, com salas comerciais com metragem a partir de 22m² e lojas todas com opção de vaga de garagem. E Atlantis Park com apartamentos de dois e três quartos.

Figura 7 – West Shopping



Fonte: <http://www.westshopping.com.br/> e arquivo pessoal

Tais investimentos induzem e são induzidos pelo aumento populacional do bairro nas últimas décadas. No entanto, a procura maior para fins de moradia não tem repetido a demanda tradicional por terrenos para autoconstrução ou conjuntos habitacionais. Edifícios multifamiliares ou condomínios residenciais têm se apresentado como um grande investimento por parte das construtoras que até então não se interessavam pela região, mas que agora veem na facilidade do crédito e na oferta de emprego uma ótima oportunidade de negócio.

Depois de muitos anos sem nenhum lançamento, de ficar em 5º lugar em 2007 (atrás de Jacarepaguá, Barra da Tijuca, Recreio dos Bandeirantes e Del Castilho) e de receber 196 unidades lançadas entre janeiro e julho deste ano, Campo Grande “receberá mais de três mil unidades no 2º semestre de 2008, em empreendimentos para todas as faixas de renda, com financiamento de até 100%, taxa de juros abaixo de 12% ao ano mais TR (Taxa Referencial)” e prazo de pagamento de até 30 anos. Segundo dados divulgados pela Ademi: a previsão é que até 2010 sejam criadas mais 1.920 unidades. A grande novidade é a migração de construtoras que até então escolhiam a Zona Sul ou a Barra da Tijuca. (Ibam, 2008)

Ao que parece, os fatores de atração da população, não são mais necessariamente os baixos preços dos imóveis – algumas áreas do bairro encontram-se bem valorizadas e com empreendimentos voltados para a classe média e média alta –, mas sim a oferta de comércio, serviços, lazer, educação e emprego.

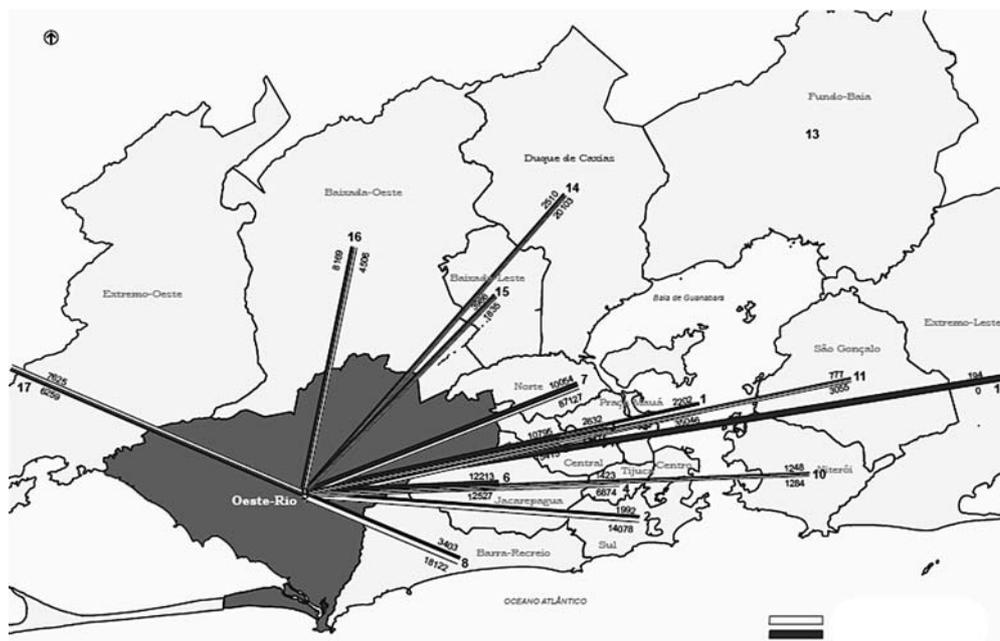
Quanto ao reforço da centralidade atribuída aos estabelecimentos educacionais

Campo Grande conta com vários cursos de graduação em diferentes instituições como o Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos,³ a Faculdade Bezerra Araújo,⁴ Faculdades Integradas Campo-Grandenses,⁵ UniverCidade,⁶ Universidade Estácio de Sá,⁷ Centro Universitário Estadual da Zona Oeste (UEZO, Associada. à Faetec),⁸ além de cursos técnicos também voltados às demandas da indústria.⁹ Do conjunto, merece destaque a UEZO, inaugurada em 2005, com cursos de graduação em Biotecnologia, Tecnologia e Gestão em Construção Naval e Offshore, Tecnologia em Produção de Fármacos, Tecnologia em Produção de Polímeros, Tecnologia em Produção Siderúrgica e os cursos de Tecnologia e Gestão para Indústria de Petróleo e Gás da Estácio de Sá, voltados ao que tudo indica para as novas demandas do setor de petróleo no estado do Rio e na região.

No que diz respeito aos equipamentos voltados para os deslocamentos diários da população, o bairro possui um terminal rodoviário administrado pela Companhia de Desenvolvimento Rodoviário e Terminais – Coderte. Neste encontram-se as linhas de ônibus que fazem as ligações entre os bairros da Zona Oeste, Zona Norte, Centro do Rio, algumas linhas intermunicipais e uma interestadual (Rio–São Paulo).

Fora do terminal, devido ao esgotamento de sua capacidade, localizam-se vários outros pontos finais de ônibus que fazem ligações importantes entre Campo Grande e: Seropédica, Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Itaguaí, ou a Ilha da Madeira onde se localiza o Porto de Itaguaí. Muitas indústrias fretam ônibus particulares para levar seus empregados aos locais de trabalho.¹⁰

Figura 8 – Fluxos de origem e destino à Macrozona 9, em 2004
(parte da Zona Oeste)



Fonte: Plano Diretor de Transporte Urbano da Região Metropolitana do estado do Rio de Janeiro, 2004.

Este esquema gráfico demonstra que os trajetos iniciados na Macrozona Oeste tem como principais destinos a área central da cidade do Rio de Janeiro (incluindo nesta a Central do Brasil e a Praça Mauá), em segundo lugar está Duque de Caxias, em terceiro pode-se destacar Barra-Recreio, quarto Zona Sul, quinto Jacarepaguá. As ligações de transporte entre a Baixada Oeste e o Extremo-Oeste não possuem destaque, talvez pela grande presença do transporte alternativo nessas ligações e transportes particulares como o fretamento de ônibus e carros de passeio. Contudo, é notória a capacidade de geração de emprego e oferta de serviços na Zona Central do Rio.

O bairro conta ainda com trens dos ramos Santa Cruz e Japeri, ambos com destino à Central do Brasil administrados pela Super- via e transporte complementar (alternativo), como vans legalizadas pelo Departamento de Transportes Rodoviários – Detro, com trajetos nos limites do bairro, outros trajetos entre bairros ligando Campo Grande a Santa Cruz, Bangu, Realengo e alguns trajetos intermunicipais como Campo Grande–Itaguai e Campo Grande–Seropédica.

É importante lembrar, no que se refere ao acesso das populações pobres ao mercado de trabalho, que o grau de imobilidade pode representar a estagnação econômica (economia

de subsistência) ou a capacidade de gerar emprego de uma localidade (maior dinamismo econômico) segundo Lago (2007b). Nesse contexto, a imobilidade dos trabalhadores de Campo Grande estaria associada a um dinamismo econômico dos subcentros periféricos, através da expansão do capital e do mercado de trabalho para os setores médios. Tal dinamismo geraria, ainda, uma economia informal de serviços de baixa qualificação, diminuindo assim a necessidade ou mesmo a distância do deslocamento diário de boa parte da população da área em estudo.

No entanto, ainda de acordo com a citada autora, morar próximo dos centros e subcentros é um fator central de inserção no mercado de trabalho (formal e informal), em função dos custos com transporte e do próprio mercado de trabalho, marcado pela instabilidade do emprego e da renda. A consolidação e qualificação do centro funcional provocam a valorização da terra, o que tende a dificultar o acesso da população mais pobre, que procura terras mais baratas em periferias cada vez mais distantes.

Centro funcional de Campo Grande no início do século XXI: centralidade renovada ou periférica?

Para falar das transformações recentes observadas no bairro de Campo Grande, é preciso buscar informações na região Metropolitana com apoio na percepção da espacialidade do fenômeno metropolitano para além das

institucionalidades. Assim, observamos, inicialmente, que os empreendimentos industriais e a infraestrutura logística em implantação na Região Metropolitana produzirão impactos em Campo Grande, e tendem a atrelar a reorganização socioespacial desse centro funcional muito mais com os municípios vizinhos do que com outros bairros da periferia do Rio de Janeiro, criando possibilidades de alteração da relação centro-periferia com os setores centrais do Rio de Janeiro.

A importância do centro funcional de Campo Grande pode ser reafirmada não só pela presença de imóveis voltados para atividade comercial como pela presença de agências bancárias. No primeiro caso, conforme apontado anteriormente o bairro era, em 2008, o oitavo no *ranking* de bairros cariocas com salas comerciais e o terceiro em lojas. Quanto às agências bancárias, Campo Grande conta com 30 agências que representam os oito principais bancos atuantes no país.

Também é inegável a presença do setor imobiliário com a construção de edifícios habitacionais, comerciais e empresariais diferenciados do padrão tradicional de loteamentos periféricos e da autoconstrução de moradias, criando possibilidades de atratividade e alteração da paisagem local.

Não podemos deixar de destacar também as iniciativas governamentais, como o programa habitacional, "Minha Casa Minha Vida", em Campo Grande, que visa facilitar o financiamento e subsidiar parte da habitação para as famílias de baixa renda, mas que não chega a atender à parcela da população de renda mais baixa, como as famílias com menos de cinco salários mínimos.

No entanto, a localização dos novos empreendimentos, principalmente os comerciais, poderá reproduzir o modelo centro-periferia no bairro ao acabar destinando os espaços "requalificados" às pessoas de "qualidade".¹¹ Ilustra o que foi dito o fato de que temos presenciado, simultaneamente ao reforço da centralidade de Campo Grande, um crescente aumento do preço da terra acompanhado de seletividade ao acesso, principalmente na área central (mais infraestruturada).

Assim, nossas observações finais voltam-se para o entendimento de que começam a se apresentar na área estudada: 1) vestígios de mudanças no padrão de interações e dependência do centro funcional de Campo Grande com as demais centralidades da região Metropolitana e do município do Rio de Janeiro; 2) que o reforço da centralidade de Campo Grande aponta para uma continuidade do modelo centro-periferia e 3) que Campo Grande, ao que parece, pode ser interpretado como uma centralidade periférica renovada.

A primeira observação se refere ao grau de imobilidade, representado especialmente pelos custos de transportes, que ao mesmo tempo aumentam a informalidade e criam possibilidades de ampliação do mercado formal de trabalho nas regiões periféricas e, aumentando, portanto, o dinamismo econômico nos subcentros. Reforça o que foi dito o registro do número de agências bancárias em Campo Grande, apontado anteriormente.

Já o reforço do centro funcional de Campo Grande está apoiado, principalmente: nos novos e "modernos" empreendimentos imobiliários que alteram a paisagem construída local, nos cursos técnicos alinhados com as novas demandas da área industrial, especialmente siderurgia, metalurgia, petróleo e gás, e na implantação de indústrias. Mesmo cientes de que os "altos funcionários" podem estar em "qualquer lugar", até mesmo nas centralidades tradicionais, as facilidades criadas pelas inovações técnico-informacionais, conforme destaca Manuel Castells (1989), essas indústrias geram uma real oferta de emprego para os níveis médio-técnicos e tecnológicos, podendo atrair e fixar parcela dos trabalhadores na área de estudo e fortalecer o setor de comércio e serviços.

Mas não foram identificados indícios suficientes para caracterizar uma inversão do padrão centro-periferia envolvendo a presença de atividades características das áreas centrais como sedes de empresas e serviços especializados ou equipamentos públicos e privados capazes de inverter os deslocamentos e as interações do centro para a periferia, delineando assim em Campo Grande um reforço da centralidade que pode ser interpretada ao mesmo tempo como renovada e periférica.

Mas estamos cientes de que esse é um tema instigante e que carece ainda de muitas pesquisas.

Cristina Lontra Nacif

Arquiteta urbanista. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
clnacif@globo.com

Gisele Teixeira Antunes

Arquiteta urbanista. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
gisele_tantunes@yahoo.com.br

Notas

- (*) Este artigo é fruto do desdobramento de um Trabalho Final de Graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, desenvolvido em parceria pelas autoras, em 2009.
- (1) De acordo com os dados do Censo 2000.
 - (2) O West Medical conta com salas destinadas a consultórios médicos, a partir de R\$ 160 mil, com área de 45m². Além do West Medical, a Radical R2 Engenharia também lança no bairro um empreendimento residencial de três quartos + reversível com alto padrão de acabamento.
 - (3) Graduação: Administração (Administração de Empresas), Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Ciência da Computação (Informática), Comunicação Social (Jornalismo e Publicidade), Direito, Educação Física, Física, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Geografia, História, Letras (Literaturas de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Inglesa), Matemática, Pedagogia, Sistemas de Informação.
 - (4) Cursos Graduação: Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Nutrição.
 - (5) Graduação: Matemática; Ciências Sociais; Computação; Geografia; História; Letras (Espanhol, Francês, Inglês, Literaturas de Língua Portuguesa); Pedagogia (Administração Escolar, Orientação Educacional, Pedagogia, Supervisão Escolar); Sistemas de Informação.
 - (6) Cursos de Graduação: Administração; Direito; Marketing; cursos superiores de Tecnologia: Gestão Financeira; Gestão Comercial; Tecnologia em informática.
 - (7) Curso de Graduação: Administração, Ciências Contábeis, Direito, História, Letras Pedagogia e Sistemas de Informação e Cursos Politécnicos: Tecnologia e Gestão para Indústria de Petróleo e Gás; Tecnologia em Logística Empresarial; Recursos Humanos; Redes de Computadores.
 - (8) Graduação: Biotecnologia, Tecnologia e Gestão em Construção Naval e Offshore, Tecnologia em Produção de Fármacos, Tecnologia em Produção de Polímeros, Tecnologia em Produção Siderúrgica, Tecnologia em Sistemas da Informação; Formação de professores (Educação Infantil e Ensino Fundamental) e Normal Superior.
 - (9) Cursos Técnicos: Informática, Indústria, Mecânica, Eletrônica, Eletrotécnica, Segurança do Trabalho, entre outros.
 - (10) Estes passam em pontos e horários determinados e são exclusivos para funcionários.
 - (11) Maiores detalhes ver o artigo *A luta por Espaço* escrito por Jean Pierre Garnier publicado no *Le Monde Diplomatique*, Brasil de março de 2010.

Referências

- ASCHER, F. (1995). *Metápolis ou l'avenir des villes*. Paris, Odile Jacob.
- CAETANO, P. F. (2008). *Comperj e Arco Metropolitano no Rio de Janeiro: Grandes Projetos Logísticos como Vetores de Políticas Públicas no Território Fluminense*. Pesquisa desenvolvida no âmbito do grupo de pesquisa GeTERJ (Gestão Territorial no Rio de Janeiro).
- CAMPOS, C. (2008). Campo Grande aquecido. *O Dia*. Rio de Janeiro, 10 de agosto.
- CASTELLS, M. (1989). *The informational city: information technology, economic restructuring and the urban-regional process*. Oxford, Basil Blackwell.
- _____. (1999). *A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo, Paz e Terra.
- CORRÊA, R. L. (1999). *O espaço urbano*. São Paulo, Hucitec.
- _____. (2006). *Estudos sobre a rede urbana*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- DUARTE, H. da S. B. (1974). A cidade do Rio de Janeiro: descentralização das atividades terciárias. Os centros funcionais. *Revista Brasileira Geográfica*. Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, pp. 53-98.
- FIX, M. (2007). *São Paulo Cidade Global: fundamentos financeiros de uma miragem*. São Paulo, Boitempo.
- FROES, J. N. S. e GELABERT, O. R. E. (2004). *Rumo ao Campo Grande por Trilhas e Caminhos*. Rio de Janeiro.
- FRÚGOLI JUNIOR, H. (2000). *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo, Cortez.
- IBAM (2008). *Serviços de apoio à elaboração de estudo de viabilidade econômico-financeira do Plano Geral de Revitalização da Região Central do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Ibam.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2007a). *Pesquisa Industrial Anual 2005*. Rio de Janeiro, IBGE.
- _____. (2007b). *Pesquisa Anual do Comércio 2005*. Rio de Janeiro, IBGE.
- IFDM (2006). Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal.
- LAGO, L. C. (2007a). A periferia metropolitana como lugar do trabalho: da cidade-dormitório à cidade plena. *Cadernos IPPUR/UFRJ*. Rio de Janeiro, v. XXII, pp. 9-28.
- _____. (2007b). Trabalho, moradia e (i)mobilidade espacial na metrópole do Rio de Janeiro. *Cadernos Metrópole*. São Paulo, v. 18, pp. 275-293.
- LA ROVERE, R. L. (2009). *Desenvolvimento Econômico Local da Zona Oeste do Rio de Janeiro e de seu Entorno*. Pesquisa projeto Faperj nº E-26/110.644/2007. Rio de Janeiro.
- LEFEBVRE, H. (1974). *La production de l'espace*. Paris, Anthropos.
- _____. (2008 [1968]). *O direito à cidade*. São Paulo, Centauro.
- _____. (2008 [1970]). *A revolução urbana*. Belo Horizonte, Editora UFMG.

- MIRANDA, G. dos S. (2008). Distribuição da infra-estrutura urbana em Campo Grande – Rio de Janeiro-RJ. X ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS. *Anais*. São Paulo.
- NATAL, J. (2004). Inflexão econômica e dinâmica espacial pós-1996 no Estado do Rio de Janeiro. *Revista Nova Economia*. Belo Horizonte, v. 14, n. 3, pp. 71-90.
- OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES (2005). Como andas as metrópoles. Relatório final. Rio de Janeiro.
- PEREIRA, A. da S. (2002). *Produção Imobiliária e Segregação na Periferia do Rio de Janeiro: o bairro de Campo Grande*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ.
- RIBEIRO, L. C. de Q. e LAGO, L. C. (1994). *Reestruturação nas grandes cidades brasileiras: o modelo entro/periferia em questão*. Rio de Janeiro, Ippur.
- SALGUEIRO, T. B. (2009). “As relações cidade e comércio; dinâmicas de evolução e modelos interpretativos”. In: CARRERAS, S. e PACHECO, S. M. M. (orgs.) *Cidade e comércio: a rua comercial na perspectiva internacional*. Rio de Janeiro. Armazém das Letras.
- SPOSITO, M. E. B. (1997). *Capitalismo e urbanização*. São Paulo, Contexto.
- TAVARES, E. (2009). Migração e pendularidade na Região Metropolitana do Rio de Janeiro: uma análise socioespacial da mobilidade. XIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL. Florianópolis.

Textos retirados de Internet

- Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/planoestrategico/interna.php?n0=1&n1=4&n2=6&n0=3&n1=1>. Acesso em 30 de agosto de 2009.
- Disponível em: http://www.cide.rj.gov.br/noticias_eventos.php?pagina=3&cod_noticia=31. Acesso em 28 de setembro de 2009.
- Disponível em: <http://www.portosrio.gov.br/sepetiba/Setpor.htm>. Acesso em 28 de setembro de 2009.
- Disponível em: <http://www.sindmar.org.br/CLIPPING.ASP?ID=4138#4139>. Acesso em 28 de setembro de 2009.
- Disponível em: <http://www2.petrobras.com.br/Petrobras/portugues/comperj.asp>. Acesso em 22 de outubro de 2009.
- Disponível em: http://www.sectran.rj.gov.br/terminais/tr_campo_grande.htm – Acesso em 23 de outubro de 2009.
- Disponível em: http://www.sectran.rj.gov.br/terminais/terminais_intermunicipal.asp# - Acesso em 23 de outubro de 2009.

Texto recebido em 9/nov/2009
Texto aprovado em 27/fev/2010